

LACAN, J. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SAMSON, F. Conferência: Analista da Escola (A.E.). O a posteriori. Tradução de Analúcia Teixeira Ribeiro. In: Documentos para uma Escola V, Escola Letra Freudiana, ano 29, nº. 0<sup>777</sup>. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010. p. 19-27.

WAJCMAN, G. A arte, a psicanálise, o século. In: AUBERT, J. Lacan: O escrito, a imagem. Tradução de Yolanda Vilela. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 55-79.

## REAL E ESCRITA: UMA PASSAGEM DAS FÓRMULAS QUÂNTICAS AO NÓ

Graça Araújo Curi\*

### Resumo

Partindo da pergunta sobre a especificidade da escrita na psicanálise, o texto aponta as dificuldades na abordagem do real como impossível. Evoca o trabalho de Lacan na construção das fórmulas da sexuação, explicitando o modo como esse psicanalista opera com os quantificadores e com sua escrita a partir de uma subversão da lógica aristotélica. Nas elaborações sobre escrita e Letra, faz-se necessária uma passagem à escrita do nó — uma escritura que presentifique o registro do real.

**Palavras-chave:** Escrita na psicanálise. Real. Impossível. Fórmulas quânticas. Escrita do nó.

### Resumen

A partir de la pregunta sobre la especificidad de la escritura en el psicoanálisis, el texto señala las dificultades en el abordaje de lo real como imposible. Evoca el trabajo de Lacan en la construcción de las fórmulas de la sexucción, poniendo de manifiesto el modo como opera este psicoanalista con los cuantificadores y con su escritura a partir de una subversión de la lógica aristotélica. En las elaboraciones sobre escritura y Letra, se hace necesario un paso a la escritura del nudo —una

escritura que presentifique el registro de lo real—.

**Palabras clave:** Escritura en el psicoanálisis. Real. Imposible.  
Fórmulas cuánticas. Escritura del nudo.

Em uma entrevista, Ernest Hemingway conta que reescrevera o final de *Adeus às armas* quase quarenta vezes.<sup>1</sup> Isso nos surpreende, e mais ainda o que ele alega como problema: a colocação exata das palavras. O que o afligia era tentar não deixar lacunas no texto. Por outro lado, no livro *Escrever*, Marguerite Duras anuncia: “Escrever. Não posso. Ninguém pode. É preciso dizer: não se pode. E se escreve”.<sup>2</sup>

Tenhamos o cuidado de não fazer uma redução; podemos nos perguntar: será que a dificuldade que cada um desses escritores enfrenta refere-se ao mesmo ponto? Ou, tentando reformular: o problema do escrever pode ser descrito de maneira universal? E ainda outra pergunta: haveria uma especificidade da escrita na psicanálise?

O significante “universal” nos conduz à formalização do quantificador “para todo”, utilizado por Lacan na construção do quadro da sexuação, em diferentes momentos de seus seminários. Acompanhamos ali o intenso trabalho de construir uma lógica que sustentasse a colocação, em giros quaternários, da forma como esse “para todo” pode ser registrado, abordado e descompletado.

Ao escrever o prefácio do livro *Dios, El sexo y la verdad*, Catherine Millot ressalta que Balmès<sup>3</sup> nos mostra, nas elaborações de Lacan, que nenhum dos “não há” e “não existe” colocados por ele pode ser reduzido a “igual a zero”. Assim, Millot afirma “[...] as antinomias, as sutilezas das negações são necessárias e não simplificáveis para cernir o ‘real do sexo’ e também esse lugar do Outro que ‘não há’ [...]”.<sup>4</sup>

Segundo ela, Balmès nos conduz, na elaboração lacaniana, aos caminhos espinhosos do impossível, cujos nomes comuns são Deus, o amor e o sexo. Nomes desses buracos que nos aspiram em seus torvelinhos.

Millot afirma que, para abordar esse impossível, “esse real que está no cerne da estrutura”,<sup>5</sup> é fundamental nos dispormos aos paradoxos que ele engendra, pois são eles que nos conduzem à sua essência, que é o impossível. No entanto, “alguns se sentem mais obrigados que outros a se aproximar das bordas desse real: os lógicos e os místicos, alguns poetas e alguns enamorados. Os psicanalistas, queiram ou não, se confrontam com ele”.<sup>6</sup> O que se ressalta é que, para conferir a esse real a devida importância, é necessário determinação singular, coragem e resistência.<sup>7</sup>

E é exatamente por dar a devida importância ao real que, ao longo de alguns anos, Lacan desenvolve e constrói o quadro da sexualização. A abordagem lógica do aforisma “não há relação sexual” impulsiona a construção que busca subsídios na lógica aristotélica e a subverte em alguns pontos necessários à escrita das fórmulas que, com uma circulação marcada por vetores específicos, faz borda ao buraco intransponível e irreduzível.

Nélida Halfon, em suas duas publicações *En el nombre de la falta* e *Escrituras del sintoma en Jacques Lacan*, constituiu uma fonte precisa para as elaborações que se seguem sobre as fórmulas da sexualização e sua conjugação com as modais.

Lacan utiliza o modo alético, cuja raiz remete a *aletheia* – “verdade” em grego, modalidade utilizada por Aristóteles

para se contrapor ao “dizer por dizer” dos sofistas –, na escrita das fórmulas da sexualização.

Em alguns pontos de apropriação dessa lógica, Lacan se reconhece modificando e transgredindo a morfologia do sistema que utiliza. A escrita do lado mulher no quadro da sexualização é um desses pontos. Na lógica dos quantificadores, o  $\exists$  (existe) e o  $\forall$  (para todo) não podem ser negados. Pode-se negar tudo ou negar o atributo, porém não se pode negar só os quantificadores. Lacan, para tentar extrair algo da opacidade do lado mulher, forja uma escrita através de uma subversão. As duas proposições negativas inscritas por ele no lado direito do quadro estão, de fato, inscritas fora da norma estabelecida pela lógica aristotélica.

A negação que incide sobre o  $\overline{\forall}$ , que se lê: “para não todo”, é uma negação que recai sobre o todo e não sobre a função fálica, nem sobre toda a fórmula. Estar como “não toda” na função fálica não quer dizer que umas estejam, outras não. Não se trata de estabelecer uma margem para fazer exceção à função, mas de especificar uma forma de estar nela.

Ao acompanharmos as intrincadas elaborações sustentadas pela lógica em Lacan, é importante considerar que não são fórmulas estáticas. Por estarem referidas à estrutura, um movimento e uma circulação específica nos orientam na sua leitura. Considerando a parte de cima do quadro da sexualização, podemos seguir um vetor que nos direciona de um lugar a outro. Teríamos, então, que, a partir do Impossível, estabelecer o Necessário, para que a castração seja Possível, ainda que de modo Contingente.

Nessa conjugação das fórmulas à lógica modal, os modos estão referidos ao escrever, ou seja, conjugados com o escrever. Assim, temos que, “a partir do Impossível que ‘não cessa de não se escrever’  $\Rightarrow$  estabelecer como Necessário o que ‘não cessa de se escrever’  $\Rightarrow$  para fazer Possível que a castração ‘cesse de se escrever’  $\Rightarrow$  ainda que de modo Contingente, no que pode ser que ‘cesse de não se escrever’.”<sup>8</sup>

N. não cessa de  $\exists x. \overline{\Phi x} \Downarrow$  -----  $\Leftrightarrow \Downarrow \overline{\exists x. \Phi x}$  I. não cessa de não

P. cessa de  $\forall x. \Phi x \Downarrow \Rightarrow$  -----  $\Rightarrow \overline{\forall x. \Phi x}$  C. cessa de não

O impossível, o necessário, o possível e o contingente terão suas relações e um campo de circulação específico. As quatro modalidades ocupam lugares diferenciados que mantêm entre si uma ordem de vinculação que lhes é pertinente. Parte do lugar do impossível, do que “não cessa de não escrever-se”, do radicalmente perdido, excluído do simbólico, o que insiste e impulsiona a circulação. Um lugar que só se marca pela anterioridade lógica do necessário, do que “não cessa de escrever-se”, para garantir que a castração seja possível.

Essa circulação referida ao escrever nos aponta a importância e a especificidade do que se pode nomear como escrita na psicanálise. Um ponto importante a se levar em conta é que o real não se escreve, ele não pode se escrever desde seu próprio lugar — essa é a marca do impossível concernente ao

real: não cessa de não se escrever. Trata-se de “[...] um real que volta ao mesmo lugar, aparecendo ‘de novo’, impossível de ser reconhecido, de ser simbolizado, um real que não para, que não se inscreve, que não para de não se escrever”.<sup>9</sup>

Operando em uma anterioridade lógica, é o Necessário que inscreve o Impossível como tal ao realizar uma primeira escritura ou marca. As duas fórmulas, a do Necessário e a do Possível, se conjugam e se reúnem para sustentar essa operação. O “existe x que não phi de x” é um dizer que marca a exceção ao “para todo x phi de x”. É íntimo e êtimo à função fállica, isto é, marca o que não se insere na função fállica a partir da função fállica.

Esse “existe um x que diz não à castração”, esse “ao menos um”, não é menos real que aquilo que inscreve, mas funciona como marca daquilo que, por recusar, rejeitar sua própria inclusão em um conjunto, ficará instituído como uma exterioridade vazia, alheia ao mesmo, porém dando-lhe vida por esse mesmo movimento de subtração. “O um da exceção que fundamenta o necessário faz dobradiça entre o impossível e o possível.”<sup>10</sup>

Afirma Lacan: “É o limite, é a função de borda, é o envolvimento pelo Um que permite que um conjunto se afirme com relação à castração”.<sup>11</sup>

Para se pensar a questão da escrita, é importante também considerar o vetor que vai do Impossível ao Contingente. O Contingente — lugar não todo — é um lugar em que o que “não cessa de não se escrever” — lugar do Impossível — “cessa de não se escrever” e pode ou não se escrever. Faz parte do Possível,

porém não com a marca do Necessário. É um lugar marcado em que algo advindo do real “pode ou não” se decantar em escrita. Um modo de fazer do real escrita que não é o mesmo que produzir uma escrita do real.

Acompanhamos até aqui a escrita das fórmulas da sexuação conjugadas à lógica modal que implica um passo em relação à lógica aristotélica. O desafio seguinte nos leva a tentar delimitar o que teria forçado a passagem do quadro da sexuação à escrita dos nós, a partir dos *Seminários 19 e 20*.

A passagem ao nó se faz ancorada nas elaborações sobre a escrita e sobre a letra. No *Seminário 21*, Lacan se refere ao nó borromeano como fundamento do seu discurso naquele ano, por apresentar uma referência à escrita.<sup>12</sup> O nó é uma escritura que presentifica o registro do real.

Ao construir e estabelecer a elaboração sobre os nós, Lacan define a “posição do inconsciente” e o saber inconsciente como topológicos. Indica, no *Seminário 21*, que o inconsciente não se revela nem se descobre, ele se inventa – afirmação que o aproxima da lógica que, escrevendo, se inventa. O inconsciente se inventa lá onde está o real. Não há nada a descobrir do real, pois ele é um buraco. Mas é preciso, para concebê-lo como buraco, colocar a escritura lógica (próxima nisto da escritura do inconsciente) como borda do real.

Funda-se aí o nodal, em que os termos não são nem ordenados nem hierarquizados. O R se define, exclusivamente, por fazer três com S e I. Assim definido, é um real anterior à ordenação, não supondo um primeiro, um segundo, um terceiro. A não-relação é escrita pela equivalência dos três aros, pela pura sucessão das três letras RSI.

Lacan situa a escrita no limite do real, mas é importante que esse limite não seja pensado como uma fronteira que deixaria o real como um além excluído. Com o nó, pode-se pensar o real de outra maneira, ou seja, levá-lo em conta, integrá-lo como terceiro termo, pelo simples fato de que o nó só existe na condição de um enodamento a três.

Há algumas afirmações no *Seminário 20* que nos chamam a atenção: “Tudo que é escrito parte do fato de que será para sempre impossível escrever a relação sexual”.<sup>13</sup> Ao se perguntar sobre o que, no discurso analítico, é efeito de escrita, Lacan formula: “Se há algo que possa nos introduzir à dimensão da escrita como tal, é nos apercebermos de que o significado não tem nada a ver [com o audível] com os ouvidos, mas somente com a leitura do que se ouve”.<sup>14</sup> Temos aqui um forte indício de que é necessário compreender a escrita assim formulada como algo diferente da escrita visível.

Afirmar que “há uma escrita na fala” seria uma outra formulação para: “há um dizer no dito”? Saber o que se opera numa análise é saber que a fala revela algo que nada tem a ver com ela. A escrita não transcreve a fala, pois permanece nela exatamente o que a palavra não diz, traço inapreensível, umbigo do sonho. Apesar de ser o mais próximo que se pode chegar do real, há um impasse, uma impossibilidade na escrita. O escrito na fala é aquilo que não foi lido ainda. A escuta-leitura analítica favorece a extração desses pedaços de escrito.<sup>15</sup> Marcada pela contingência, a passagem da palavra à escrita é operada na análise no movimento de tocar a borda do real. Aí Lacan reencontra e aponta o litoral entre saber e gozo.

## NOTAS

\*Psicanalista, Aleph – Escola de Psicanálise. Belo Horizonte, MG.

<sup>1</sup> HEMINGWAY, 2011.

<sup>2</sup> DURAS, 1994, p. 47

<sup>3</sup> BALMÈS, 2008.

<sup>4</sup> MILLOT, 2008, p. 9. Livre tradução.

<sup>5</sup> MILLOT, 2008, p. 8. Livre tradução.

<sup>6</sup> MILLOT, 2008, p. 8. Livre tradução.

<sup>7</sup> MILLOT, 2008, p. 8. Livre tradução.

<sup>8</sup> HALFON, 2001, p. 37.

<sup>9</sup> VIDAL, 2009, p. 32.

<sup>10</sup> HALFON, 2009, p. 109.

<sup>11</sup> LACAN, (1972-73) 2010, p. 209.

<sup>12</sup> LACAN, (1973-1974). Lição de 21 de maio 1974. Inédito.

<sup>13</sup> LACAN, 1985, p. 49.

<sup>14</sup> LACAN, 1985, p. 47.

<sup>15</sup> REGO, 2006, p. 234.

## REFERÊNCIAS

BALMÈS, F. Dios, el sexo Y la verdad. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 2008

DURAS, M. Escrever. Rio de Janeiro: Rocco, 1994

HALFON, N. En el nombre de la falta. Buenos Aires: Letra Viva, 2001

HALFON, N. Escrituras del sintoma en Jacques Lacan. Buenos Aires: LetraViva, 2009

HEMINGWAY, E. As Entrevistas da Paris Review. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

LACAN, J. O Seminário, livro 19: ... ou pior (1971-72). Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LACAN, J. O Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-73). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. O Seminário, livro 21: les non-dupes errent. Inédito.

MILLOT, C. Prefácio. In: BALMÈS, F. Dios, el sexo Y la verdad. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 2008. p. 7-10.

RABINOVITCH, S. Textos psicanalíticos: Coletânea. Belo Horizonte: edições Pirata, 1998

REGO, C. Traço, letra, escrita: Freud Derrida, Lacan. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006

VIDAL, E. Do real, o que se escreve? In: Revista da Letra Freudiana. n. 40. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008. p. 9-38.